

PROGRAMA EDUCAÇÃO E FAMÍLIA



OFICINA PEDAGÓGICA
RECOMENDAÇÕES PARA PROTEÇÃO E
SEGURANÇA NO AMBIENTE ESCOLAR

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Secretaria de Educação Básica – SEB

Diretoria de Formação Docente e Valorização de Profissionais da Educação – DIFOR

Coordenação-Geral de Formação de Gestores e Técnicos da Educação Básica – CGFORG

Programa Educação e Família – PEF



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Brasília/DF
2023

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
INTRODUÇÃO.....	6
CADERNO DO FACILITADOR	9
Função do facilitador.....	9
Perfil do facilitador.....	10
Preparo do facilitador para a oficina.....	11
Antes do encontro/ da oficina	11
Durante o encontro/ a oficina	11
Depois do encontro/ da oficina	12
CADERNO DO PARTICIPANTE	14
Função do participante	14
Perfil do participante.....	15
Preparo do participante para a oficina.....	16
Antes do encontro/ da oficina	16
Durante o encontro/ a oficina	16
Depois do encontro/ da oficina	17
OFICINA	19
Descrição da oficina	19
Objetivos	19
Metodologia	20
Competências a serem desenvolvidas.....	20
Público-alvo	21
Recursos necessários	21
Recursos Humanos.....	22
Recursos Materiais	22
Recursos Digitais	22
Recursos Financeiros.....	22
Local.....	25
Tempo	25
Divulgação.....	25
Impacto esperado.....	26
Referências.....	26
ETAPAS DA OFICINA	26
Primeira etapa	27
Segunda etapa	27
Terceira etapa.....	27
ENCONTROS DA OFICINA.....	28
Primeiro encontro	28
Tema	29
Roteiro detalhado	29
Objetivos.....	32
Recursos.....	33
Avaliação.....	33
Segundo encontro.....	33
Tema	34
Roteiro detalhado	34
Objetivos.....	38

Recursos.....	38
Avaliação.....	38
Terceiro encontro	38
Tema	39
Roteiro detalhado	39
Objetivos.....	43
Recursos.....	43
Avaliação.....	43
Quarto encontro	44
Continuidade.....	44
MATERIAL DE APOIO	44
Livros e cartilhas.....	45
Vídeos	46
Curso.....	46
ANEXOS.....	47
ANEXO A: Prevenção, intervenção e reconstrução das situações de incidentes/violências	47
ANEXO B: Canais de segurança pública, saúde mental e assistência social	47
ANEXO C: A importância do espaço da escola para criação de um guia próprio para ação local	54
ANEXO D: Dinâmica sobre o jogo “Caça ao tesouro mapeado”	57
ANEXO E: Trilha formativa dessa oficina	58
ANEXO F: Organização dos encontros	59
ANEXO G: Avaliação dos facilitadores	60
ANEXO H: Proposta para continuidade da oficina durante todo ano letivo	61

APRESENTAÇÃO

A oficina apresentada nesse documento é uma proposta pedagógica vinculada ao **Programa Educação e Família**. A divulgação de saberes e a democratização do acesso ao conhecimento apresentado nesse documento é parte do compromisso do Programa Educação e Família.

OFICINA: Recomendações para proteção e segurança no ambiente escolar

PÚBLICO-ALVO: Estudantes, professores, diretores de escola, famílias, profissionais da educação, representantes da comunidade local e conselheiros escolares (todo o corpo escolar)

PERIODICIDADE: Oficina com ciclo de três etapas, sendo cada encontro semanal ou quinzenal, com atividades presenciais.

DIVULGAÇÃO: Convite formal a ser enviado para a comunidade escolar. Também podem ser usados os meios digitais, com publicação nas redes sociais ou no *site* da unidade escolar (caso possua). Meios físicos podem, e devem ser usados de forma a intensificar o convite: produção de cartaz e/ou banner na entrada da escola, pátio e/ou murais.

FINALIZAÇÃO: Divulgação da oficina na aba “Projetos da Escola”, no aplicativo **Clique Escola**, após realização da oficina.

Jéssica Veloso Morito, Maria Cecília Luiz. [Autoras.]

Recomendações para proteção e segurança no ambiente escolar. [Oficina pedagógica]. São Carlos: Autoras, 2023. [Documento Eletrônico]. – Brasília/DF.

RECURSO DIGITAL FORMA DE ACESSO: World Wide Web

CAPA/DIAGRAMAÇÃO/IDENTIDADE VISUAL: Jéssica Veloso Morito

FORMATO: PDF.

ISBN: 978-65-00-80756-1 {digital}

1. Oficina. 2. Educação. 3. Programa Educação e Família. I. Título.

CDD – 371.37

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Recurso Educacional Aberto (REA)

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores. Além disso, é proibida a venda desse material que possui distribuição gratuita.

INTRODUÇÃO

O Programa Educação e Família propõe ações articuladas que visam atender as necessidades de formar cidadãos plenos de capacidades e saberes. Como uma política pública de educação de abrangência nacional, para sua exitosa implementação, irá requerer muito além de uma simples adesão por parte do ente federativo; mas a colaboração de cada indivíduo como parte fundamental no funcionamento dessa engrenagem.

Nessa perspectiva, surgem como ações práticas para tecer laços entre a família e a escola, em prol da consolidação de novos rumos que transformem a educação: as oficinas pedagógicas. As oficinas são ferramentas no processo de aprendizagem que fomentam a construção de identidades voltadas para a reflexão com base nas experiências vivenciadas no chão da escola.

As oficinas pedagógicas são sistemas, em que o ensino e a aprendizagem acontecem na troca de conhecimentos através da realização de dinâmicas, em que se valoriza o conteúdo em sua totalidade, ligando os ensinamentos científicos, os saberes e os conteúdos adquiridos pela vivência (do cotidiano) (LEITE; VIDA, 2022).

Pensando nesse processo interligado na construção de novas aprendizagens, algumas temáticas, sejam elas por suas complexidades ou sensibilidades, podem ser trabalhadas em oficinas pedagógicas. Esse é o caso do tema sobre a **Segurança Escolar**.

Mas, afinal, o que é o Segurança Escolar?



A segurança escolar é um conjunto de medidas e procedimentos implementados em instituições de ensino com o objetivo de garantir um ambiente seguro e propício para o aprendizado. Isso envolve a proteção física dos estudantes, professores e funcionários, bem como a prevenção de situações de violência e outras ameaças à integridade e bem-estar dos membros da comunidade escolar.

A segurança escolar também engloba a preparação para situações de emergência ou eventos violentos, por meio de planos de contingência e treinamentos. Uma escola segura não apenas promove o desenvolvimento acadêmico, mas também contribui para o crescimento emocional e social dos alunos, criando um ambiente onde eles se sintam protegidos e apoiados em sua jornada educacional.



E quem participa das ações para a Segurança Escolar?

A segurança escolar é uma preocupação compartilhada e envolve a participação de diversos atores, cada um desempenhando um papel importante na criação de um ambiente escolar seguro. Aqui estão os principais participantes da segurança escolar: Direção e gestão; professores, secretários, alunos, pais e responsáveis, a comunidade local; enfim, todos os segmentos que compõem o todo escolar.

Se sentir seguro nas escolas é uma questão de extrema importância nas sociedades contemporâneas, uma vez que as instituições de ensino desempenham um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças e adolescentes; assim é uma responsabilidade de toda a sociedade. Garantir um ambiente escolar seguro não apenas protege os alunos, mas também promove um ambiente propício para o aprendizado, o desenvolvimento pessoal e a construção de cidadãos responsáveis e empáticos.

Por isso, é importante criar espaços de escuta ativa através de consensos que incentivem a prática de ações colaborativas (com a participação de todos, em todo o processo) e espaços para as falas (com a garantia de que qualquer um possa ser escutado).

No fim, as oficinas vêm ao encontro dessa proposta, porque acontecem na troca de conhecimentos, ou seja, é necessário que todos participem, sejam escutados e tenham a garantia de ter o que dizem/argumentam/opinam levado em consideração com o mesmo peso que qualquer outra contribuição; construindo conjuntamente as decisões e os caminhos que serão tomados; assim o resultado terá a intervenção de todos.

REFERÊNCIAS

LEITE, M. C. da S. R; VIDA, F. A. B (Orgs.). *Oficinas pedagógicas e iniciação à docência: experiências do IFCE – Campos Canindé*. Fortaleza: Impreca, 2022.



CADERNO DO **F**acilitador

CADERNO DO FACILITADOR

O facilitador será a pessoa que desempenhará a função de orientar, instruir e mediar a atividade na oficina.

Função do facilitador

O facilitador é o indivíduo, seja ele um profissional de determinada área ou algum participante da comunidade escolar, que trata do processo de aprendizagem e ensino. Ele é designado para auxiliar tanto no individual, quanto em grupos. É dele a função de conduzir o grupo, estimulando nas mais diversas formas as interações.

É função do facilitador possuir algum domínio, seja por já ter conhecimento na área ou por estudar previamente sobre o tema para conduzir a oficina, do que será abordado; além disso, deve procurar meios de intervir para desenvolver o potencial dos participantes, como também mediar quando houver qualquer conflito. Esse papel requer preparo, estudo, sensibilidade e habilidades (cognitivas e sociais) em dar suporte para que a colaboração aconteça.

O facilitador é um líder. Essa liderança deve conduzir ao bem comum, criando um espaço de confiança, potencializar a capacidade do grupo de criar soluções e caminhos para os fins almejados. Outro ponto, o facilitador é capaz de identificar as fortalezas e dificuldades dos participantes do grupo, fazendo mediações para que todos os participantes desenvolvam a autonomia; ressignificando o exercitar do pensar e se colocar em meio a um grupo/coletivo: aprender a importância da liberdade de expressão.

O facilitador tem a função de conduzir a atividade proposta na oficina, sendo necessário ao menos um para cada encontro, podendo ser o mesmo para todos os encontros, ou alternado com outras pessoas, caso necessário. A escolha deve considerar a finalidade do encontro, considerando o perfil do facilitador; contudo, o preparo para essa ação deve ser igual para quem quer seja.

O facilitador é responsável por um grupo de participantes, atuando no acompanhamento das interações desse conjunto. O contato com o grupo deve ser próximo, e sempre que possível, contínuo, oferecendo ajuda durante os encontros, além de fazer o resgate semanal do que já foi abordado/discutido, com o objetivo de aproximar

os participantes, entre si e com a atividade, e diminuir o índice de desistência (possível) da oficina.

Perfil do facilitador

O facilitador deve ser parte do grupo que conduzirá a oficina. Quando houver convidados externos, sempre deve haver alguém do corpo escolar no processo de mediação, mesmo que não atue diretamente naquele encontro.

Além disso, ele precisa escutar não apenas o que é dito, mas compreender os valores por trás dos discursos das pessoas, seus modos de se comunicarem, como as expectativas e as frustrações dialogam entre si e com aquele dado grupo.

A atuação do facilitador exige estratégias de planejamento, interação, mediação, acompanhamento e avaliação das diversas etapas da oficina, tendo por princípio a colaboração.

Espera-se do facilitador as seguintes habilidades:

- Gestão de tempo (Saber organizar os encontros da oficina)
- Gestão de grupos (Saber liderar pessoas e grupos)
- Gestão de conflitos (Conseguir mediar situações de discordância ou desavenças)
- Habilidades socioemocionais (Sem julgamentos considerando valores pessoais)
- Empatia (Se colocar no lugar do outro, tentando compreender os *porquês* da situação)
- Assertividade (Ser direto, pontuar sem fazer ligações de conteúdo desnecessárias)
- Escuta ativa (Escutar o que é dito, sentido, seja isso enunciado claramente ou não)
- Liderança (Entender que ser um facilitador é ser um líder naquele dado grupo/coletivo)
- Organização (Manter em ordem tudo relativo à oficina/atividade)
- Pontualidade (Respeitar o tempo: para começar, terminar e ir para outro momento)
- Planejamento (Planejar antes da oficina e após os encontros)
- Responsabilidade e comprometimento (Com todos do grupo e com as relações criadas)
- Proatividade (Estar disposto a fazer antes de ser solicitado, prever a demanda)
- Motivação para ajudar os outros (Se colocar nesse espaço de estar disposto)
- Capacidade de acolhimento (Criar espaços/momentos convidativos)
- Ser comunicativo (Saber como falar, solicitar e repreender de forma construtiva)

- Criatividade para manter os participantes engajados na oficina/atividade
- Flexibilidade com as pessoas e atividades (Estar aberto ao novo e ao diferente)
- Ética e sigilo (Manter o que é discutido apenas no grupo. Caso haja a necessidade de levar algo para fora da confiança do grupo, consultar os envolvidos antes)

Preparo do facilitador para a oficina

Uma etapa fundamental para qualquer ação é o planejamento. Depois, com tudo o que acontecer, conduzir uma avaliação para validar o que deu certo e adaptar/mudar o que apresentou falhas ou não foi eficiente.

Antes do encontro/ da oficina

1. Dedicar um tempo para estudar o conteúdo do encontro/da oficina daquela semana;
2. Dedicar um tempo para rever o que foi dito/percebido no último encontro;
3. Anotar falas para situações que precisam de intervenção e passaram despercebido;
4. Separar todo o material ou ferramentas necessárias para o encontro/oficina;
5. Pegar um caderno para notas e/ou outro meio de gravação do que for dito;
6. Fazer todo e qualquer informe necessário, com antecedência, e para todos;
7. No dia, organize o espaço previamente, para poder se dedicar ao acolhimento das pessoas na chegada.

Durante o encontro/ a oficina

1. Pedir licença para fazer as anotações e/ou outro meio de gravação do que for dito; (Informar que será para recapitular o que for dito para retomada da semana seguinte)
2. Estar atento a tudo que acontece durante a atividade/oficina;
3. Ser sensível às emoções e ideias do que pode ser significativo;
4. Mediar e abrir ao entendimento em divergências e eventuais conflitos;
5. Falar sempre de modo claro;
6. Sempre olhar para todos do grupo, evite focar em apenas um lado/algumas pessoas;
7. Procure ser objetivo no que fala;
8. Caso necessário, parafraseie o que disse e explique o que realmente queria dizer;
9. Incentive a participação de todos: todo mundo importa;
10. Explique os conceitos/conteúdos;

11. Explique a proposta de atividade daquele encontro;
12. Direcione a atividade;
13. Finalize a atividade (Faça um fechamento do que foi solicitado, do que foi dito e do que foi apresentado);
14. Por fim, organize o espaço para dar continuidade a organicidade escolar (cada espaço tem uma finalidade e deve estar à disposição de todos do corpo escolar).

Depois do encontro/ da oficina

1. Estar à disposição para sanar possíveis dúvidas ou questionamentos dos participantes;
2. Guardar toda a produção, se houver, daquele encontro, seja ela física ou digital;
3. Fazer uma autoavaliação se os objetivos daquele encontro foram alcançados;
4. Propor encaminhamentos se sentir que algo ficou pendente ou foi pouco abordado;
5. Anotar toda e qualquer proposta que surgir, a fim de compartilhar com o grupo depois.



P CADERNO DO **Participante**

CADERNO DO PARTICIPANTE

O participante é qualquer pessoa da comunidade escolar que desempenhará a função de participar, contribuir e realizar a atividade na oficina.

Função do participante

O participante é o indivíduo, seja ele alguém da equipe pedagógica, administrativa, familiar, estudantes ou de serviços, ou seja, participante da comunidade escolar, que participa como foco no processo de aprendizagem e ensino. Ele é o indivíduo, em sua singularidade, mas também o coletivo, em formato de grupos. A função dele é ser parte do grupo, sendo parte das diversas formas de interações, como protagonista, na maioria das vezes.

É função do participante se envolver na análise de sua própria realidade e na interação entre os membros com as situações abordadas. O participante é um indivíduo que busca seus interesses, se identificando com o grupo (ou não), assim toma consciência da sociedade e dos valores que norteiam suas escolhas, das diferenças e onde/como podem exercer sua máxima participação.

São nesses espaços que o participante reconhece o valor e pertinência da participação, como agente de mudança para a compreensão e redução de sua vulnerabilidade, e da sua contribuição para o todo social, através do empoderamento e de ações que o envolvam. Assim, o participante entende que suas ações nas atividades transcendem o âmbito de seus interesses, sejam individuais ou coletivos, e que podem ter como espaço a escola, através de mobilizações. Esse papel requer preparo, estudo, sensibilidade e habilidades (cognitivas e sociais) em saber receber e pedir suporte para que a colaboração aconteça.

O participante é um protagonista. Esse protagonismo reconhece potencialidades e valores que resultará no desenvolvimento integral e em melhorias para a coletividade. Outro ponto, o participante pode não ser capaz de identificar suas fortalezas e dificuldades, sendo necessário que estejam dispostos a ressignificar seus preceitos e “achismos”, entendendo que a liberdade de expressão requer um senso crítico na consolidação dos seus posicionamentos.

O participante tem a função de contribuir para a realização da atividade proposta na oficina, sendo necessário participar de cada encontro, ou da grande maioria dos encontros. Deve compreender que cada encontro possui uma finalidade, e que deve haver um preparo para essa ação.

O participante deve procurar criar laços com grupo, e sempre que possível, oferecer ajuda, ou solicitá-la, durante os encontros, além de fazer um resumo semanal do que já foi abordado/discutido e considerou importante, ou teve dúvidas, e contribuir para a consolidação da oficina.

Perfil do participante

O participante é parte do grupo e da oficina, ou seja, alguém do corpo escolar ou da família. Quando houver convidados externos, sempre deve haver o direcionamento sobre recapitular os acordos estabelecidos pelo coletivo, além de uma breve apresentação para iniciar o acolhimento.

Além disso, ele precisa expressar não apenas o que é questionado, mas compreender os valores por trás dos discursos que temos, nossos modos de se comunicar, como as expectativas e as frustrações que temos dialogam entre si e com aquele dado grupo, podendo gerar conflitos.

A atuação do participante exige estratégias de interação e avaliação nas diversas etapas da oficina, tendo por princípio a colaboração construtiva, ou seja, parte de cada etapa e na construção do todo proposto.

Espera-se do participante as seguintes habilidades:

- Gestão de tempo (Saber organizar suas falas dentro do tempo nos encontros da oficina)
- Inteligência emocional (Saber lidar com as diferentes pessoas e grupos)
- Gestão de conflitos (Conseguir lidar com situações em que é contrariado)
- Habilidades socioemocionais (Lidar com as diferenças e sentimentos diversos)
- Empatia (Se colocar no lugar do outro, tentando compreender os *porquês* da situação)
- Assertividade (Ser direto, pontuar sem fazer ligações de conteúdo desnecessárias)
- Escuta ativa (Escutar o que é dito, sentido, seja isso enunciado claramente ou não)

- Protagonismo (Entender que ser um participante é ser um protagonista nas interações)
- Organização (Manter em ordem tudo relativo à sua participação na oficina/atividade)
- Pontualidade (Respeitar o tempo: para começar, terminar e ir para outro momento)
- Planejamento (Planejar para estar nos encontros)
- Responsabilidade e comprometimento (Com todos do grupo e com as relações criadas)
- Proatividade (Disposição para fazer antes de ser solicitado)
- Motivação para ajudar os outros (Se colocar nesse espaço de estar disposto)
- Capacidade de acolhimento (Criar espaços/momentos convidativos)
- Ser comunicativo (Saber como falar e expor o que realmente quis dizer)
- Flexibilidade com as pessoas e atividades (Estar aberto ao novo e ao diferente)
- Ética e sigilo (Manter o que é discutido apenas no grupo, criar o laço da confiança)

Preparo do participante para a oficina

Uma etapa fundamental para qualquer ação é o planejamento. Depois, com tudo o que acontecer, conduzir uma autoavaliação para validar o que atingiu as expectativas e adaptar/mudar o que apresentou falhas, não foi eficiente ou gerou frustrações.

Antes do encontro/ da oficina

1. Dedicar um tempo para estudar o conteúdo do encontro/da oficina daquela semana;
2. Dedicar um tempo para entender o que foi dito/percebido no último encontro;
3. Anotar dúvidas que passaram despercebidas para serem perguntadas;
4. Separar todo o material ou ferramentas necessárias para o encontro/oficina;
5. Pegar um caderno para notas ou outro meio de registro do que achar importante;
6. Se despir de todo “achismo” ou preconceitos existentes ao diferente;
7. No dia, organize seu tempo, para chegar com antecedência, e poder auxiliar, caso precisem.

Durante o encontro/ a oficina

1. Pedir licença para questionamentos e/ou outras colocações pertinentes;
2. Estar atento a tudo que acontece durante a atividade/oficina;
3. Ser sensível às emoções e ideias dos outros e que pode ser significativo;
4. Se colocar na postura de aprendizado com divergências e eventuais conflitos;

5. Falar sempre de modo claro;
6. Sempre olhar para todos do grupo, evite focar em apenas um lado/algumas pessoas;
7. Procure ser objetivo no que fala;
8. Caso necessário, parafraseie o que disse e explique o que realmente queria dizer;
9. Respeite a participação de todos: todo mundo importa;
10. Escute com atenção os conceitos/conteúdos apresentados;
11. Escute a proposta de atividade daquele encontro apresentado;
12. Realize a atividade;
13. Esteja a disposto(a) a ser parte do grupo, da atividade, da oficina;
14. Por fim, auxilie na organização do espaço para dar continuidade a organicidade escolar (cada espaço tem uma finalidade e deve estar à disposição de todos do corpo escolar)

Depois do encontro/ da oficina

1. Fazer uma autoavaliação se os objetivos daquele encontro foram alcançados;
2. Anotar as dúvidas, se sentir que algo ficou pendente ou foi pouco abordado;
3. Anotar toda e qualquer proposta que surgir, a fim de compartilhar com o grupo depois.



Oficina

OFICINA

A proposta é promover uma oficina teórica e prática, dividida em trilhas formativas desenvolvida em encontros presenciais. Esse percurso de formação é ofertado a comunidade escolar e a família, que poderão adquirir conhecimentos teóricos e práticos sobre o conselho escolar e aprimorar as habilidades e as competências de forma inovadora e criativa para se tornarem bons mediadores participativos.

Os membros da comunidade escolar terão a oportunidade de percorrer os espaços de formação, passando pelos conhecimentos teóricos (os aspectos conceituais e legais sobre os conselhos escolares) até os aspectos práticos (farão estudos de casos, explanaram sobre as vivências em situações desencadeadora e aprenderão a romper com espaços centralizadores). Os encontros serão dirigidos pelo(s) facilitador(es), direcionado às pessoas da comunidade escolar e local para que possam atuar como multiplicadores dos assuntos relativos ao conselho escolar da unidade a que pertencem.

Descrição da oficina

Quando pensamos no trabalho sobre a proteção e a segurança no ambiente escolar é necessário ter um olhar mais cuidadoso, pois muitas vezes é necessário compreender os espaços para além da materialidade (algo concreto), mas compreender a subjetividade, representações, sentimento de pertencimento e qualquer outra ação que possa dar o “indicativo de resposta” ao que é proposto.

Assim pensamos, em alguns passos, como também proposta de atividades para essa oficina.

Objetivos

Essa oficina tem como objetivo geral propor estratégias de intervenção para compreender como implementar/fomentar práticas para proteção e segurança no ambiente escolar. Quanto aos objetivos específicos, temos:

- Fortalecer a participação da família nos espaços escolares;
- Formar sobre o que é proteção e segurança no ambiente escolar;
- Estimular a troca de experiência entre os membros da comunidade escolar;

- Conhecer as ações que podem ser realizadas com foco na melhoria das relações na escola;
- Estudar sobre competências socioemocionais, focando nas relações coletivas; e
- Identificar os problemas da escola e encontrar alternativas que possam gerar soluções.

Metodologia

A oficina será organizada em encontros presenciais com ofertas de conhecimentos teóricos e práticos sobre Proteção e Segurança Escolar, apresentada de forma participativa, colaborativa e crítico-reflexiva. A aprendizagem acontece num espaço de ação e reflexão, articulando o cotidiano, o conhecimento social e o conhecimento científico/acadêmico, possibilitando contextualizar a realidade.

Competências a serem desenvolvidas

As competências podem ser entendidas como sendo o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes (CHA) necessárias ao desempenho de determinadas funções, visando o alcance dos objetivos estabelecidos. Segundo a BNCC (2016), e adaptando a proposta da oficina temos:

Tabela: Competências a serem desenvolvidas na Educação Básica

CONHECIMENTO	Valorizar e utilizar os conhecimentos físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
CRIATIVIDADE	Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria da reflexão, da análise crítica, e da imaginação, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções.
DIVERSIDADE	Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações sociais alinhadas ao exercício da

	cidadania, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
COMUNICAÇÃO	Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos.
EMPATIA E COOPERAÇÃO	Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza

Fonte: Adaptado da BNCC (2016).

Público-alvo

Estudantes, professores, diretores escolares, famílias, profissionais da educação, representantes da comunidade local (todo o corpo escolar). O foco da proposta é para escolas que atendam o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, pode ser adaptada à Educação Infantil, pensando na participação das crianças (ou não) em algumas temáticas mais sensíveis.

Recursos necessários

Os recursos são componentes do ambiente da aprendizagem (GAGNÉ, 1975) que fomentam à estimulação para o ensino e a aprendizagem. Quando são usados com potencialidade, colaboram para motivar e despertar o interesse dos participantes desenvolvendo a experiência concreta.

É importante reforçar que não é necessário procurar recursos novos e complexos; mas é inegável a importância de entender (e se possível dominar) a usabilidade das ferramentas propostas. Se for incrementar as atividades nos encontros, garanta que o facilitador saiba como conduzir o que é proposto.

Recursos Humanos

Para a implementação da oficina, a Escola poderá fazer parcerias com *profissionais* aptos a desenvolver o trabalho com a comunidade escolar.

- 1 facilitador (no mínimo)
- Monitores (caso precisem)
- Comunidade escolar

Recursos Materiais

- Canetas
- Folhas ou bloco para anotações
- Caixa de som
- Lista de presença

Recursos Digitais

Os equipamentos eletrônicos a serem disponibilizados pela escola não podem integrar as despesas com a oficina.

- *Wi-fi* (rede para internet)
- Notebooks ou Celulares

Recursos Financeiros

- O PDDE Educação e Família é a ação que possibilita o repasse de recursos financeiros a escolas selecionadas para viabilizar a execução do Plano de Ação da escola, incluindo essa proposta de oficina.

Os recursos financeiros repassados pelo PDDE Educação e Família são de custeio e poderão ser utilizados apenas na contratação de serviços e compra de material de consumo para a realização desta oficina.



GASTOS COM CUSTEIO

As despesas com custeio são aquelas que correspondem aos gastos para manutenção dos serviços ou na aquisição de um bem de capital que não ficará como patrimônio, por exemplo, materiais para as oficinas.

GASTOS COM CAPITAL

As despesas com capital são aquelas que correspondem aos gastos para a produção ou geração de novos bens, ou serviços que ficarão como patrimônio, por exemplo, móveis/eletrônicos para a escola.

RECURSOS FINANCEIROS

O PDDE Educação e Família é a ação que possibilita o repasse de recursos financeiros a escolas selecionadas pelo Programa Educação e Família para viabilizar a execução do Plano de Ação da escola.

Os recursos financeiros repassados pelo PDDE Educação e Família são de custeio e poderão ser utilizados na contratação de serviços e compra de material de consumo para a realização desta ação.

Os profissionais de educação integrantes da rede de ensino não podem integrar as despesas com a Visita Guiada.

Então, o que pode ou não pode comprar com os recursos financeiros repassados pelo PDDE Educação e Família que são de CUSTEIO?

PODE ✓	NÃO PODE ✗
Materiais para a oficina	Eletrônicos para a escola
Folhas, cadernos, canetas etc. para realização da oficina	Computadores para a escola
Impressão (específica) de material para a oficina	Impressoras para a escola
Itens para cada um dos participantes para usar na oficina	Prêmios ou presentes
Contratação de palestrantes	Gastos com pessoal (salário, férias, 13º, diárias e passagens)
Itens para compor o espaço necessário para a oficina	Reformas ou ampliação de áreas construídas

Para saber mais, acesse o Guia de Execução dos Recursos do PDDE, acessando o *link*:
<https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/pdde/media-pdde/GUIADEEXECUODOSRECURSOSDOPDDEv4FINAL.pdf>

De acordo com orientação do FNDE, **é permitida a contratação de pessoa física para o desenvolvimento de atividades** previstas no Plano de Ação da escola. Nesse caso, pode ser aceito recibo como documento probatório da despesa, desde que nele constem, no mínimo, as especificações dos serviços, o nome, CPF, RG, endereço, telefone e a assinatura do prestador.

Vale ressaltar que **não é permitida a contratação de profissional da escola** para o desenvolvimento das atividades previstas no Plano de Ação da escola.

De acordo com a Resolução FNDE nº 15, de 16 de setembro de 2021, é vedada a aplicação dos recursos do PDDE e Ações Integradas em:

- I – implementação de outras ações que estejam sendo objeto de financiamento por outros programas executados pelo FNDE, exceto aquelas executadas sob a égide das normas do PDDE e Ações Integradas (Exemplo: Livros didáticos já distribuídos pelo PNLD);
- II – gastos com pessoal (Ex: contador; secretária);
- III – pagamento, a qualquer título, a:
 - a) agente público da ativa por serviços prestados, inclusive consultoria, assistência técnica ou assemelhados;
 - b) pagamento por serviços prestados por servidor público da ativa, ou empregado de empresa pública ou de sociedade de economia mista em empresas privadas que tenham servidor público em seu quadro societário, mesmo que o serviço prestado se trate de consultoria, assistência técnica ou assemelhados;
 - c) despesas de manutenção predial, tais como aluguel, conta de telefone, água, luz e esgoto;
 - d) despesa de caráter assistencialista (Ex: uniforme, material escolar para o aluno).
- IV – cobertura de despesas com tarifas bancárias não previstas em acordo entre o FNDE e o Banco do Brasil;

V – dispêndios com tributos federais, distritais, estaduais e municipais, quando não incidentes sobre os bens adquiridos ou produzidos ou sobre os serviços contratados para a consecução dos objetivos do PDDE e Ações Integradas;

VI – passagens e diárias;

VII – combustíveis e materiais para manutenção de veículos e transportes para atividades administrativas;

VIII – flores, festividades, comemorações, coquetéis, recepções, prêmios, presentes;

IX – reformas de grande porte e ampliação de áreas construídas.

Local

Uma sala ou outro espaço devidamente preparado para os encontros. Esse espaço deve ser minimamente equipado com os materiais solicitados para aquele dado encontro, caso seja necessário. Também, é importante pensar num espaço para as crianças menores que podem ir acompanhando os familiares, uma vez que pode ocorrer de não terem com quem deixar e ter que leva-los até o encontro. Pensar num espaço acolhedor, é literalmente **acolher a todos, sem exceções!**

Tempo

A oficina é desenvolvida em ciclo de três etapas. Na primeira etapa há a construção dos espaços de acolhimento; na segunda há os encontros semanais ou quinzenais, com atividades presenciais; e por fim, há a autoavaliação com encaminhamentos de ações permanentes para consolidar as práticas para proteção e segurança no espaço escolar.

1. Identificar as ações da escola para promover segurança;
2. (R)Estabelecer as relações sociais na escola;
3. Criar espaços de acolhimento;
4. Formar sobre o que são e quem participa das práticas de proteção e segurança na escola;
5. Fomentar ações para incentivar a participação de todos na escola.

Divulgação

A divulgação é uma etapa fundamental para a efetividade da oficina. Afinal, para que a oficina ocorra é necessário a adesão da comunidade escolar. E como ter essa

participação? O passo inicial é divulgar: levar a informação ao maior número de pessoas. Esse convite deve ser atrativo, instigar a curiosidade e despertar o desejo de fazer parte.

Assim, temos como (possíveis) propostas:

- Convite formal a ser enviado para a comunidade escolar.
- Chamar oralmente: pessoas convidam pessoas diretamente.
- Publicação nas redes sociais ou no site da unidade escolar (caso possua).
- Produção de cartaz e/ou banner, fixado na entrada da escola, pátio e/ou murais.

Impacto esperado

A oficina tem como foco o fortalecimento e estímulo da participação qualificada da família e da comunidade na escola. Como impacto esperado se tem:

- Aumento da interação das famílias e da comunidade nas ações da escola;
- Compreensão sobre como promover práticas de proteção e segurança na escola;
- Construção de um espaço acolhedor, onde todos sintam vontade de estar; e
- Validação da criação de um espaço mais seguro com relações mais saudáveis.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2016.

GAGNÉ, R. *Como se realiza a aprendizagem*. Rio Janeiro: Cosmos, 1975.

ETAPAS DA OFICINA

A oficina é uma metodologia de trabalho que prevê a formação colaborativa, prevendo momentos de interação e troca de saberes, a partir da horizontalidade, na construção do que é proposto. Optamos por propor a construção dessa oficina em três etapas, pensando em passos importantes: a construção do espaço de acolhimento, usado para os encontros da oficina; os encontros que ocorrem semanal ou quinzenalmente; e a finalização com encaminhamentos para práticas de proteção e segurança no ambiente escolar.

Primeira etapa

A primeira etapa é a construção do espaço de acolhimento, local também em que ocorrerá os encontros. Essa construção pode ser fixa ou móvel, pensando na usabilidade do espaço.

Posso deixar esse espaço fixo, sem gerar prejuízos para as outras atividades na escola?

Se sim, a construção pode ser fixa, o que poupa o trabalho antes dos encontros.

Se não, a construção deve ser móvel, sendo colocada antes e retirada após os encontros.

O espaço de acolhimento serve a propósitos específicos: acolher e dar a sensação de segurança. É um espaço de conforto, de reflexão, para resgatar os vínculos, reforçando o colaborativo, evitando o distanciamento entre o "eu", o "outro" e o "nós".

CONSTRUÇÃO: Pode ter foto de familiares, desenhos, leis, notícias sobre práticas de acolhimento e segurança no espaço escolar e/ou objetos que os participantes tenham algum apego. O principal é que seja um local, fisicamente, com espaço para rodas de conversas e atividades que necessitem andar/transitar; simbolicamente, seguro, onde as pessoas se sintam acolhidas e partes daquele todo.

Segunda etapa

A segunda etapa corresponde aos encontros, eles serão direcionados por um facilitador, que preferencialmente deve ser alguém da comunidade escolar. Essa etapa será melhor descrita ao longo desse manual.

Terceira etapa

A terceira etapa, e final, se baseia na divulgação. É sobre os encaminhamentos decorrentes do que foi estudado, refletido e abordado durante os encontros e será revertido em ações para a comunidade escolar. Como também, a divulgação na aba "Projetos da Escola", no aplicativo **Clique Escola**, após realização da oficina; colocando todas as adaptações, rearranjos e alterações realizadas no decorrer dessa proposta que viabilizaram novos olhares e possibilidades.

Será necessária uma avaliação, para rever o que causou impactos positivos e o que não cumpriu o esperado, mas pode ser aproveitado (com adaptações) ou deve ser descartado. Para isso podemos usar os seguintes questionamentos:

De onde viemos?

Onde estivemos?

Para onde queremos ir?

Defina um tema, recapitule tudo o que ocorria antes, resgate tudo o que foi dito/trabalhado, e por fim estabeleça as mudanças visíveis (de imediato) e as em construção.

Por fim, pegar todas as considerações, que foram discutidas na oficina, transformá-las em propostas de ações para fundamentação de práticas para proteção e segurança na escola; intervenção, mediação e intensificação das relações com respeito as diferenças; pensando em espaços de representatividade na/para a comunidade escolar; além de reformulações do Projeto Político Pedagógico (PPP) desse novo viés da escola. Consolidando as vivências nessa oficina como algo que constitui o próprio todo escolar.

ENCONTROS DA OFICINA

Os encontros são os momentos de interação entre a comunidade escolar em que há a abordagem de uma determinada temática. O ideal é que aconteçam semanalmente ou, no máximo, quinzenalmente. Devem ser mediadas por um facilitador que, preferencialmente, deve ser um membro da comunidade escolar.

Primeiro encontro

O primeiro encontro é o momento de compreender seu papel e dos outros nas relações, principalmente quando pensamos na proteção e na segurança escolar. É a primeira interação do grupo, nesse espaço é que se deverá consolidar os primeiros vínculos e laços, visando compreender o papel de cada indivíduo no grupo: pensando nas suas contribuições para consolidação do coletivo como um grupo íntegro e conciso.

O grupo deve ter em sua constituição membros de todos os setores da unidade escolar, assim como um facilitador (ou mais) para cada grupo.

Quanto a constituição de subgrupos deve haver membros do corpo docente, da gestão, técnicos-administrativos, prestadores de serviços, familiares e estudantes; ou seja, um representante de cada setor da unidade escolar.

Tema

O tema do primeiro encontro será **prevenção, intervenção e reconstrução**. A prevenção, intervenção e reconstrução são etapas interconectadas no gerenciamento de situações de incidentes/violências. A prevenção busca evitar os incidentes ou as violências, a intervenção lida com as consequências quando esses fatores ocorrem, e a reconstrução visa restaurar a normalidade após a crise. Assim, uma abordagem abrangente que combina todas essas dimensões é essencial para a gestão eficaz de situações de incidentes/violências e a promoção da resiliência de comunidades escolares.

Roteiro detalhado

Nesse espaço, teremos o detalhamento de cada momento na realização da oficina.

Momento 1

Deve-se ter um cuidado especial com a luminosidade/claridade do local para que “todos possam ver todos”; assim como a ambientação sonora, se houver música, opte por sons calmos, instrumentais, que possibilitem o relaxamento.

Organize também as cadeiras, caso haja, ou o posicionamento do facilitador para que o contato seja sempre o mais direto: olhar as pessoas, e as pessoas se olharem, é fundamental. Também é bom ter uma atenção para a ventilação do local.

Esse primeiro momento será frequente. É a recepção. Assim, ter uma mesa ou local para recepção dos participantes, que poderão assinar a lista de presença, com a participação do(s) facilitador(es) na entrada do local para recepcionar as pessoas.

Se houver um local para acolher as crianças, que acompanham as famílias, elas devem ser encaminhadas com o auxílio dos monitores ou pela pessoa responsável.

Momento 2

Esse é o momento da dinâmica. Optamos por sempre começar por essa ação para tornar a interação mais harmoniosa, pois permite que as relações sejam estabelecidas sempre no começo do encontro, dando seguimento para a explanação teórica e, logo em seguida, das vivências.

Dinâmica: “Quem é induzido ao erro?”

Todo participante receberá uma bexiga (que deverá enchê-la) e um palito de dente. No início da atividade todos deverão ser colocados em um grande círculo. Após todos estarem alocados, o facilitador pede para todos exporem a bexiga e palito para cima.

O facilitador fará o gesto de aproximar o palito da bexiga, porém alertando que não se deve estourá-la.

Depois de forma extrovertida e simulando estourar a bexiga do outro dizer algo como: **só não vale palitar o do colega!**

Após, deve enfatizar: **prestem atenção no que eu falo a vocês.** Mas, continue fazendo o gesto de estourar a bexiga do outro. E complementar com a informação de que o vencedor da dinâmica será todo aquele que permanecer com a sua bexiga cheia, vale tudo para proteger sua bexiga, exceto machucar o outro.

Quando todos tiverem terminado a dinâmica, seja pela inércia (não estourar as bexigas) ou pelo desfecho (todos estarem sem suas bexigas). O facilitador deve recolher as bexigas restantes (se houverem), pedindo que nos últimos minutos as pessoas sentem e façam uma reflexão sobre quantas coisas podem ser observadas ali: vocês estouraram as bexigas? Algum momento foi falado para estourarem as bexigas? Por que acham que tiveram essa atitude?

Quem?	O que?
(Facilitador)	Orientar Explicar como ocorrerá a dinâmica, os tempos e o que será solicitado
Participantes	Encher as bexigas e pegar os palitos
Participantes	Proteger sua bexiga.
Facilitador	Após todos terem participado, fazer uma breve síntese.

Momento 3

Essa etapa consiste na apresentação do conteúdo.

Após a dinâmica, começar indagando se imaginam qual a temática será abordada no dia.

– *Depois da dinâmica, vocês acham que vamos falar sobre o quê hoje?*

Deixar um espaço para o levantamento das hipóteses.

Se houver dificuldade de participação, ficar indagando aos participantes (Fulano, o que você acha? Ciclano, e você?)

Após o levantamento das hipóteses, deixar claro o tema do dia: **prevenção, intervenção e reconstrução das situações de incidentes/violências**.

Explicar o que é a prevenção, intervenção e a reconstrução (ANEXO A) e a importância desse tema quando pensamos no trabalho sobre a proteção e a segurança na escola.

Quem?	O quê?
(Facilitador)	Após dinâmica, perguntar Vocês acham que vamos falar sobre o quê?
Participantes	Levantar hipóteses sobre o que acham que é a temática.
Facilitador	Expor e explicar o tema.

Momento 4

Após a exposição do tema do dia, é o momento de **abrir a roda de conversa**. Será nesse espaço que ocorrerão as discussões, ponderações e dúvidas sobre prevenção, intervenção e reconstrução das situações de incidentes/violências no âmbito escolar. O foco é a partir das vivências pessoais, relações familiares e as relações entre pares no contexto escolar explorar o tema do dia.

Para isso, algumas questões podem incentivar o começo do debate e/ou instigar a participação (se houver pausas longas, sem participação).

- O que é prevenção?
- O que é intervenção?
- O que é reconstrução?
- Como você lida com situações de incidentes?
- Como você lida com situações de violências?
- Como são as ações na sua família/na escola quando algo não sai como planejado?

Durante as colocações dos participantes, o facilitador pode ir fazendo anotações do que julgar importante e/ou o que precisa ser “redirecionado” (falas que podem gerar conflitos ou discursos problemáticos) para compor o fechamento da roda de conversa.

Também é importante caso haja algum embate, fazer as mediações entre os participantes com posicionamentos discrepantes/opositores. **Lembrando que não deve haver julgamentos nem condenações pelo que for dito; se for algo polêmico: mediar para a pessoa refletir sobre o próprio posicionamento/fala.**

Por fim, fazer o fechamento, relacionando o que foi dito, as experiências relatadas com o tema do dia; como também mencionar como estabelecer práticas de prevenção, intervenção e reconstrução das situações de incidentes/violências fortalece uma comunidade para entender como os conflitos não podem, nem devem, ser usados para distanciar as pessoas do espaço ou de determinado grupo. Assim, imprevistos podem ser mediados e direcionados para práticas resolutivas, ao invés de silenciadas e fomentadas de modo que gerem um mal-estar.

Momento 5

Esse é o momento da finalização do encontro. O facilitador deve agradecer aos presentes e ressaltar a importância da participação de todos nas etapas seguintes. Como também, devem ser destinados alguns minutos finais para socialização entre os participantes presentes (para poderem conversar e/ou se despedirem); assim como sanar possíveis dúvidas e/ou demandas que surgirem.

Objetivos

Temos como objetivo geral nesse primeiro encontro mostrar a importância de definir prevenção, intervenção e reconstrução das situações de incidentes/violências.

Como objetivos específicos, temos:

- Evidenciar práticas de prevenção;
- Entender meios de possibilitar diálogos para intervenção; e
- Estabelecer ações para reconstruir situações de incidentes/violências.

Recursos

Recursos humanos

- 1 Facilitador (ou mais)
- Membros da comunidade escolar

Recursos físicos

- 1 saco de bexigas
- 1 caixa de palitos de dentes
- Folha impressa com o conteúdo (ANEXO A)

Avaliação

Após o término do encontro, será programada uma reunião com os facilitadores envolvidos na preparação e mediação na realização das atividades para discussão de pontos essenciais como: as percepções dos discursos durante as trocas na roda de conversa; os pontos favoráveis em relação ao ambiente, tempo e participação; ponto desfavoráveis que necessitam de melhorias que devem ser implantadas nos próximos encontros.

Segundo encontro

O segundo encontro é o momento de (re)conhecimento dos canais de segurança pública, saúde mental e assistência social. É a atividade do grupo com foco na aprendizagem e meios de comunicação de situações de violências/incidentes, nesse espaço é que se deverá consolidar as primeiras aprendizagens sobre a temática abordada.

O grupo deve ter em sua constituição membros de todos os setores da unidade escolar, assim como um facilitador (ou mais) para cada grupo.

Quanto a constituição de subgrupos deve haver membros do corpo docente, da gestão, técnicos-administrativos, prestadores de serviços, familiares e estudantes; ou seja, um representante de cada setor da unidade escolar.

Tema

O tema do segundo encontro será os **canais de segurança pública, saúde mental e assistência social**. Compreender, “conhecer e mapear os serviços de segurança pública locais (polícia militar, civil e guardas municipais), estabelecendo redes de diálogo e comunicação sobre o tema” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2023)¹; e posteriormente começar a pensar em práticas para estimular a participação de todos.

Roteiro detalhado

Nesse espaço, teremos o detalhamento de cada momento na realização da oficina.

Momento 1

Deve-se ter um cuidado especial com a luminosidade/claridade do local para que “todos possam ver todos”; assim como a ambientação sonora, se houver música, opte por sons calmos, instrumentais, que possibilitem o relaxamento.

Organize também as cadeiras, caso haja, ou o posicionamento do facilitador para que o contato seja sempre o mais direto: olhar as pessoas, e as pessoas se olharem, é fundamental. Também é bom ter uma atenção para a ventilação do local.

Esse primeiro momento será frequente. É a recepção. Assim, ter uma mesa ou local para recepção dos participantes, que poderão assinar a lista de presença, com a participação do(s) facilitador(es) na entrada do local para recepcionar as pessoas.

Se houver um local para acolher as crianças, que acompanham as famílias, elas devem ser encaminhadas com o auxílio dos monitores ou pela pessoa responsável.

Momento 2

Esse é o momento da dinâmica. Optamos por sempre começar por essa ação para tornar a interação mais harmoniosa, pois permite que as relações sejam estabelecidas sempre no começo do encontro, dando seguimento para a explanação teórica e, logo em seguida, das vivências.

¹MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Recomendações para proteção e segurança no ambiente escolar*. Brasília: MEC, 2023

Dinâmica: “Telefone sem fio”

Os participantes devem ficar em fila, um atrás do outro. O participante da frente, deve virar e cochichar baixinho no ouvido, apenas uma vez, de quem está atrás dele, uma história inventada. Essa história deverá conter no máximo quatro orações com informações e deve ser passada inicialmente pelo facilitador. Peça para que seja repassada para a pessoa seguinte e assim sucessivamente; lembrando que ninguém poderá ouvir a história, somente para quem está sendo repassada no momento.

O facilitador deve enfatizar que dará uma informação muito importante que deve ser levada até o último participante da fila com urgência e de modo mais fiel possível.

Assim, sucessivamente, cada um deve prestar atenção ao que foi dito, já que não poderá ser repetido. No final, o último participante falará em voz alta a história contada. Caso, a pessoa não entenda o que foi dito por quem estava na frente, deve tentar formular o mais perto possível do que acha que escutou.

Quando todos tiverem participado e a história ter sido oralizada, o facilitador deve pedir que nos últimos minutos as pessoas façam uma reflexão sobre a dinâmica: será que a comunicação conseguiu ser eficiente, chegando ao destinatário com a urgência declarada no início?

Quem?	O quê?
(Facilitador)	Orientar Explicar como ocorrerá a dinâmica, os tempos e o que será solicitado.
Participantes	Participar do jogo.
Último participante	Fazer o que é pedido: falar na roda de conversa a história que chegou até ele.

Facilitador	Após todos terem participado, fazer uma breve síntese.
--------------------	--

Momento 3

Essa etapa consiste na apresentação do conteúdo.

Após a dinâmica, começar indagando se imaginam qual a temática será abordada no dia.

– *Depois da dinâmica, vocês acham que vamos falar sobre o que hoje?*

Deixar um espaço para o levantamento das hipóteses.

Se houver dificuldade de participação, ficar indagando aos participantes (Fulano, o que você acha? Ciclano, e você?)

Após, o levantamento das hipóteses, deixar claro o tema do dia: **canais de segurança pública, saúde mental e assistência social**.

Explicar o que são, as funções e como acionar os canais de segurança pública, saúde mental e assistência social (ANEXO B) e a importância de compreender a relação desses sistemas no contexto escolar.

Quem?	O quê?
(Facilitador)	Após dinâmica, perguntar: Vocês acham que vamos falar sobre o quê?
Participantes	Levantar hipóteses sobre o que acham que é a temática.
Facilitador	Expor e explicar o tema.

Momento 4

Após a exposição do tema do dia, é o momento de **abrir a roda de conversa**. Será nesse espaço que ocorrerão as discussões, ponderações e dúvidas sobre os canais de

segurança pública, saúde mental e assistência social. O foco é a partir das vivências pessoais, relações familiares e as relações entre pares no contexto escolar explorar o tema do dia.

Para isso, algumas questões podem incentivar o começo do debate e/ou instigar a participação (se houver pausas longas, sem participação).

- O que é comunicação?
- Como você comunica?
- Quem são as pessoas que você procura quando precisa de ajuda?
- Como funciona os canais segurança pública, saúde mental e assistência social?
- Quem pode acionar os canais de segurança pública, saúde mental e assistência social?

Durante as colocações dos participantes, o facilitador pode ir fazendo anotações do que julgar importante e/ou o que precisa ser “redirecionado” (falas que podem gerar conflitos ou discursos problemáticos) para compor o fechamento da roda de conversa.

Também é importante caso haja algum embate, fazer as mediações entre os participantes com posicionamentos discrepantes/opositores. **Lembrando que não deve haver julgamentos nem condenações pelo que for dito; se for algo polêmico: mediar para a pessoa refletir sobre o próprio posicionamento/fala.**

Por fim, fazer o fechamento, relacionando o que foi dito, as experiências relatadas com o tema do dia; como também mencionar como os canais de segurança pública, saúde mental e assistência social podem auxiliar no funcionamento da escola. Com isso, as relações se tornam mais fluídas, mesmo que não haja essa percepção de imediato: afinal, quando as pessoas não se sentirem seguras, em seu mais amplo sentido, poderão recorrer à serviços especializados, reconstruindo essa percepção para se sentirem acolhidas, respeitadas e seguras para expor e sugerir pontos de melhoria. Tudo isso, vai gerando um aglomerado de sentimentos no indivíduo e na sua percepção com o coletivo, o que acaba por incentivar sua participação.

Momento 5

Esse é o momento da finalização do encontro. O facilitador deve agradecer aos presentes e ressaltar a importância da participação de todos nas etapas seguintes. Como também, devem ser destinados alguns minutos finais para socialização entre os

participantes presentes (para poderem conversar e/ou se despedirem); assim como sanar possíveis dúvidas e/ou demandas que surgirem.

Objetivos

Temos como objetivo geral nesse segundo encontro conceitualizar e exemplificar o que e como acessar os canais de segurança pública, saúde mental e assistência social.

Como objetivos específicos, temos:

- Definir o que é um canal de comunicação;
- Estabelecer como e quando acionar um canal de comunicação; e
- Exemplificar as ações e a importância dos canais de segurança pública, saúde mental e assistência social.

Recursos

Recursos humanos

- 1 Facilitador (ou mais)
- Membros da comunidade escolar

Recursos físicos

- Fichas impressas com os canais de segurança pública, saúde mental e assistência social

Avaliação

Após o término do encontro, será programada uma reunião com os facilitadores envolvidos na preparação e mediação na realização das atividades para discussão de pontos essenciais como: as percepções dos discursos durante as trocas na roda de conversa; os pontos favoráveis em relação ao ambiente, tempo e participação; ponto desfavoráveis que necessitam de melhorias que devem ser implantadas nos próximos encontros.

Terceiro encontro

O terceiro encontro é o momento de pensar em como estabelecer um guia próprio para ação local partindo do (re)conhecimento do espaço físico da escola. Envolve uma abordagem prática e colaborativa; visto que isso pode ser útil para melhorar a eficácia da

educação, criar um ambiente mais seguro e estimulante, e promover o engajamento da comunidade escolar.

O grupo deve ter em sua constituição membros de todos os setores da unidade escolar, assim como um facilitador (ou mais) para cada grupo.

Quanto a constituição de subgrupos deve haver membros do corpo docente, da gestão, técnicos-administrativos, prestadores de serviços, familiares e estudantes; ou seja, um representante de cada setor da unidade escolar.

Tema

O tema do terceiro encontro será o **(re)conhecimento do espaço físico da escola para criação de um guia próprio para ação local**. Em resumo, estabelecer um guia próprio para ação local a partir do conhecimento do espaço físico da escola é fundamental para criar um ambiente educacional seguro, promover a prevenção de violência e incidentes, e capacitar a comunidade escolar a responder de maneira eficaz quando necessário. Isso não apenas protege a segurança e o bem-estar dos alunos, mas também fortalece a escola como um centro de aprendizado e crescimento saudável.

Roteiro detalhado

Nesse espaço, teremos o detalhamento de cada momento na realização da oficina.

Momento 1

Deve-se ter um cuidado especial com a luminosidade/claridade do local para que “todos possam ver todos”; assim como a ambientação sonora, se houver música, opte por sons calmos, instrumentais, que possibilitem o relaxamento.

Organize também as cadeiras, caso haja, ou o posicionamento do facilitador para que o contato seja sempre o mais direto: olhar as pessoas, e as pessoas se olharem, é fundamental. Também é bom ter uma atenção para a ventilação do local.

Esse primeiro momento será frequente. É a recepção. Assim, ter uma mesa ou local para recepção dos participantes, que poderão assinar a lista de presença, com a participação do(s) facilitador(es) na entrada do local para receber as pessoas.

Se houver um local para acolher as crianças, que acompanham as famílias, elas devem ser encaminhadas com o auxílio dos monitores ou pela pessoa responsável.

Momento 2

Esse é o momento da dinâmica. Optamos por sempre começar por essa ação para tornar a interação mais harmoniosa, pois permite que as relações sejam estabelecidas sempre no começo do encontro, dando seguimento para a explanação teórica e, logo em seguida, das vivências.

Dinâmica: “Caça-tesouro mapeado”

A ideia é focar na importância de (re)conhecer os espaços escolares, acessos, saídas e entradas, ou seja, enfatizar o tema do dia. Os participantes devem ficar em grupos pensando na disposição de sempre ter na sua constituição um aluno, algum funcionário da escola, alguém do corpo docente ou da gestão e pessoas, algum familiar participante e pessoas da comunidade local (essa definição pode ser feita pelo facilitador). Os participantes devem, em conjunto, definir como realizarão o que for solicitado.

IMPORTANTE: O facilitador deve providenciar a divisão de grupos na mesma quantidade de papéis com dicas. Por exemplo, se houverem apenas três papéis (com a mesma dica do próximo local), poderá apenas haver a divisão dos participantes em três grupos.

A dinâmica consiste em pegar as dicas nos espaços indicados que estarão em papéis “escondidos”, sendo que a primeira dica deverá ser dada a todos pelo facilitador. Cada grupo deverá se organizar e apenas pegar uma das dicas. Assim, sucessivamente até chegar ao espaço final em que haverá o maior “tesouro” de todos.

IMPORTANTE: O tesouro deve ser uma caixa que dê para fechar com um espelho dentro, a ideia é destacar que o “tesouro” dentro de uma comunidade, seja ela social ou escolar, são as pessoas: cada uma é por si mesma a maior preciosidade daquele espaço/grupo.

Quando todos tiverem participado e os percursos finalizados, o facilitador deve pedir que nos últimos minutos as pessoas façam uma reflexão sobre a dinâmica: agir e reagir quando estamos num dado espaço desconhecido é fácil? E quando conhecemos minimamente esse espaço, as ações/reações se tornam mais fáceis?

Quem?	O quê?
(Facilitador)	Orientar Explicar como ocorrerá a dinâmica, os tempos e o que será solicitado
Participantes	Escutar com atenção o que é solicitado e participar da dinâmica.
Facilitador	Após todos terem participado, fazer uma breve síntese.

Momento 3

Essa etapa consiste na apresentação do conteúdo.

Após a dinâmica, começar indagando se imaginam qual a temática será abordada no dia.

– *Depois da dinâmica, vocês acham que vamos falar sobre o que hoje?*

Deixar um espaço para o levantamento das hipóteses.

Se houver dificuldade de participação, ficar indagando aos participantes (Fulano, o que você acha? Ciclano, e você?)

Após o levantamento das hipóteses, deixar claro o tema do dia: o **(re)conhecimento do espaço físico da escola para criação de um guia próprio para ação local**

Explicar o qual a importância de conhecer todos os espaços da escola (ANEXO C) e como essa prática é fundamental no contexto escolar quando pensamos em práticas de proteção e segurança.

Quem?	O quê?
(Facilitador)	Após dinâmica, perguntar: Vocês acham que vamos falar sobre o quê?

Participantes	Levantaram hipóteses sobre o que acham que é a temática.
Facilitador	Expor e explicar o tema.

Momento 4

Após a exposição do tema do dia, é o momento de **abrir a roda de conversa**. Será nesse espaço que ocorrerão as discussões, ponderações e dúvidas sobre os espaços da escola na criação de um guia próprio de ação. O foco é a partir das vivências pessoais, relações familiares e as relações entre pares no contexto escolar explorar o tema do dia.

Para isso, algumas questões podem incentivar o começo do debate e/ou instigar a participação (se houver pausas longas, sem participação).

- O que é um guia de ação?
- Me sinto seguro em todos os espaços?
- Qual a sensação de estar em um dado local em que você não consegue se localizar?
- É fácil saber quando e como agir?

Durante as colocações dos participantes, o facilitador pode ir fazendo anotações do que julgar importante e/ou o que precisa ser “redirecionado” (falas que podem gerar conflitos ou discursos problemáticos) para compor o fechamento da roda de conversa.

Também é importante caso haja algum embate, fazer as mediações entre os participantes com posicionamentos discrepantes/opositores. **Lembrando que não deve haver julgamentos nem condenações pelo que for dito; se for algo polêmico: mediar para a pessoa refletir sobre o próprio posicionamento/fala.**

Por fim, fazer o fechamento, relacionando o que foi dito, as experiências relatadas com o tema do dia; como também mencionar como (re)conhecer os espaços aos quais nos inserimos é uma prática não muito vivenciada. É algo que precisa ser trabalhado e treinado. Esse mapeamento do local pede a participação de todos porque pensando na agilidade na ação e reação, é garantir que todos consigam ter o mesmo tempo de resposta. Assim, estabelecer um guia próprio para ação local a partir do (re)conhecimento do espaço físico da escola é de extrema importância para lidar com situações de violência ou incidentes.

Momento 5

Esse é o momento da finalização do encontro. O facilitador deve agradecer aos presentes e ressaltar a importância da participação de todos nas etapas seguintes. Como também, devem ser destinados alguns minutos finais para socialização entre os participantes presentes (para poderem conversar e/ou se despedirem); assim como sanar possíveis dúvidas e/ou demandas que surgirem.

Objetivos

Temos como objetivo geral nesse terceiro encontro evidenciar como a participação de todos é fundamental na constituição do mapeamento dos espaços.

Como objetivos específicos, temos:

- Definir o que é o mapeamento do espaço;
- Estabelecer como (re)conhecer os espaços em que se está inserido auxilia no tempo de resposta em situações violentas ou de incidentes;
- Exemplificar abordagens de trabalho colaborativo.

Recursos

Recursos humanos

- 1 Facilitador (ou mais)
- Membros da comunidade escolar

Recursos Materiais

- Caixa de papelão
- Espelho
- Fita adesiva (para colar as dicas)
- Papel escrito (com as dicas)

Avaliação

Após o término do último encontro, será programada uma reunião com os facilitadores envolvidos na preparação e mediação na realização das atividades na oficina para discussão de pontos favoráveis e desfavoráveis no decorrer dessa proposta: o que foi alcançado e o que ficou com lacunas. Após esse levantamento, construir um documento

com tudo que foi validado e o que ainda necessita ser articulado. Com esses pontos, considerar agregar essas informações na próxima reformulação do Projeto Político Pedagógico, para validar tudo que foi um impacto positivo e o que ainda necessita de maiores intervenções, como algo a ser trabalhado, o desafio da escola.

Com os membros da comunidade, fazer assembleias e definir o que foi tirado de proveitoso que pode ser consolidado como normas para a escola, tanto de deveres como direitos, pensando no espaço como democrático. E levantar pontos que acreditam que podem ter novas abordagens para serem sanados porque ainda são uma demanda emergente na escola.

Quarto encontro

O quarto encontro deve ser pensado com a programação de palestras e *workshops* formativos (ANEXO H), visto a imensidade de temáticas, específicas e coletivas, importantes para a fundamentação e consolidação sobre a Proteção e a Segurança no contexto escolar.

Continuidade

Poderá haver mais encontros, considerando convidar especialistas na área, como psicólogos, assistentes sociais, pesquisadores da área, professores, policiais, bombeiros, articuladores sociais que tenham projetos na temática, entre outros.

Além disso, as rodas de conversas e os encontros podem, e deveriam, ser continuadas durante todo o período letivo; a fim de trazer novas abordagens, aprofundar os conceitos e poder compartilhar as vivências e as demandas que forem surgindo, possibilitando intervenções contínuas.

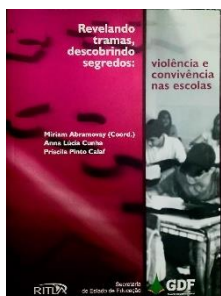
MATERIAL DE APOIO

Para entender um pouco mais, sobre as temáticas: Proteção Escolar e Segurança Escolar; recomendamos os seguintes materiais de apoio

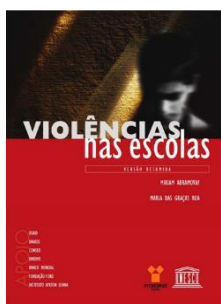
Livros e Cartilhas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Recomendações para proteção e segurança no ambiente escolar*. Brasília: MEC, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/>>. Acesso em 01 de jan. de 2023.



ABRAMOVAY, M; CUNHA, A. L; CALAF, P. P. *Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas*. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana (RITLA), Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), 2009. Disponível em: <<https://www.mprj.mp.br/documents/>>. Acesso em 01 de jan. de 2023.



ABRAMOVAY, M. *et al. Violência nas escolas*. Brasília: Unesco, 2002. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/>>. Acesso em 01 de jan. de 2023.



ABRAMOVAY, M; SILVA, A. P. da. *Violências e bullying no contexto escolar*. Rio de Janeiro: FLACSO, 2021. Coletânea de cartilhas “Emaranhando Vidas” [Projeto]. Disponível em: <<https://biblioteca.flacso.org.br/files/>>. Acesso em 01 de jan. de 2023.

Vídeos

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. I Seminário Internacional sobre Segurança e Proteção no Ambiente Escolar (Parte I). Brasília: MEC, 2023. Acesso em: https://www.youtube.com/live/TOKzfMFwVKc?si=vDIMb_vVpL4_qZ86

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. I Seminário Internacional sobre Segurança e Proteção no Ambiente Escolar (Parte II). Brasília: MEC, 2023. Acesso em: https://www.youtube.com/live/Mc2F45NqOxY?si=WpIYRBkyoh_XaKus

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. I Seminário Internacional sobre Segurança e Proteção no Ambiente Escolar (Parte III). Brasília: MEC, 2023. Acesso em: https://www.youtube.com/live/OfamK5_ejG4?si=P_ywneb_3dfvjjCW

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Recomendações para Proteção e Segurança no Ambiente Escolar (Diálogos Formativos). Brasília: MEC, 2023. Acesso em: <https://www.youtube.com/live/9Infy3Y8Oo8?si=Nm7gN3h27sOa78Ru>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Proteção e Segurança na Escola: Questões Educacionais (Diálogos Formativos). Brasília: MEC, 2023. Acesso em: <https://www.youtube.com/live/NvnUT4XFAQc?si=I2bLH70Ma5VY-Rba>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Proteção e Segurança na Escola: Questões Psicossociais (Diálogos Formativos). Brasília: MEC, 2023. Acesso em: https://www.youtube.com/live/j5tFYLy2_6Y?si=dMLraPICqe9AB1hq

Curso



SECADI. Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. *Recomendações para Proteção e Segurança no Ambiente Escolar*. Brasília: SEB/MEC, 2023. Disponível em: <https://avamec.mec.gov.br/>

ANEXOS

Nesse espaço teremos os materiais (escritos ou visuais) necessários para a oficina.

ANEXO A: Prevenção, intervenção e reconstrução das situações de incidentes/violências

A prevenção, intervenção e reconstrução de situações de violências ou incidentes são três abordagens interligadas e fundamentais para lidar com eventos adversos e desafios que podem afetar indivíduos, comunidades e sociedades como um todo. Aqui está uma breve discussão sobre cada uma delas:

1. **Prevenção:** A prevenção envolve a implementação de medidas e estratégias para evitar que situações de violências ou incidentes ocorram ou para minimizar seu impacto. Isso pode ser feito de diversas maneiras, incluindo:
 - **Prevenção Primária:** Visa evitar que a situações de violências ou incidentes ocorra em primeiro lugar, por meio de ações como educação, conscientização pública, regulamentações e políticas de segurança.
 - **Prevenção Secundária:** Foca na detecção precoce e na resposta rápida a situações de violências ou incidentes em andamento, como sistemas de alerta precoce e intervenções emergenciais.
 - **Prevenção Terciária:** Concentra-se na redução do impacto e na recuperação após a ocorrência de incidentes, através de medidas de reabilitação e apoio às vítimas.
2. **Intervenção:** A intervenção ocorre quando situações de violências ou incidentes já está em andamento ou iminente. É o processo de responder a essa situação para limitar seus danos e mitigar seus efeitos negativos. Isso pode envolver:
 - **Resposta de Emergência:** Ações imediatas para proteger vidas e propriedades, como evacuações, cuidados médicos de emergência e combate a incêndios.
 - **Assistência Humanitária:** Provisão de ajuda, como comida, água, abrigo e apoio psicológico, às vítimas de desastres naturais ou situações de conflito.
 - **Intervenção Social:** Programas e serviços para abordar riscos sociais, como violência, desemprego e pobreza, visando reduzir sua prevalência e impacto.

3. **Reconstrução:** Após a ocorrência de situações de violências ou incidentes, a reconstrução visa restaurar a normalidade e promover a recuperação. Isso envolve a reconstrução de infraestruturas danificadas, a reabilitação de comunidades afetadas e o apoio contínuo às vítimas. A reconstrução não se limita apenas à infraestrutura física, mas também abrange a reconstrução emocional, social e econômica das pessoas e comunidades afetadas.

Em resumo, a prevenção, intervenção e reconstrução são etapas interconectadas no gerenciamento de situações de violências ou incidentes. A prevenção busca evitar o risco, a intervenção lida com ele quando ocorre, e a reconstrução visa restaurar a normalidade após a crise. Uma abordagem abrangente que combina todas essas dimensões é essencial para a gestão eficaz de situações de risco e a promoção da resiliência de comunidades e sociedades.

O trecho abaixo, foi retirado do curso “Recomendações para Proteção e Segurança no Ambiente Escolar”, disponibilizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem do Ministério da Educação (AVAMEC).

Certamente existe um conjunto de saberes já produzidos sobre o tema das violências nas e das escolas, mas existe muito mais a ser produzido em cada escola. É nesse território que se dão as dificuldades e também onde estão as potencialidades. Assim, recomenda-se que os gestores das instituições de ensino, por meio do conselho escolar, se reúnam e desenvolvam estratégias apropriadas para seus próprios ambientes educacionais e comunitários. Precisamos de ações que:

1. Promovam o protagonismo dos estudantes, de modo que eles se vejam não como o problema, mas como coconstrutores das soluções;
2. Trabalhem com transversalidade, envolvendo todas as atividades e espaços do ambiente educacional;
3. Acolham, assegurem e estimulem as diversidades, fugindo de uma postura que estigmatize determinado grupo ou comportamento;
4. Busquem potencialidades e não tenham como foco apenas o que se identifica como “problemático”, priorizando a prevenção e o acolhimento em detrimento de uma postura apenas punitiva; e
5. Considerem fortemente a identidade dos territórios, sua história e sua cultura, construindo soluções que “façam sentido” para aquela comunidade em particular.

Enfatizamos que é necessário assegurar que o ambiente educacional seja saudável e acolhedor, promovendo a criação, a criatividade e a criticidade.

ANEXO B: Canais de segurança pública, saúde mental e assistência social

Os canais de segurança pública, saúde mental e assistência social são recursos fundamentais que desempenham um papel crucial no trabalho de proteção e segurança no ambiente escolar. Eles são essenciais para garantir o bem-estar e a segurança de alunos, professores, funcionários e toda a comunidade escolar. Aqui está uma visão geral desses canais e sua importância:

1. Canal de Segurança Pública:

- **O que é:** Este canal refere-se às autoridades e instituições responsáveis pela aplicação da lei e pela segurança pública, como a polícia, os bombeiros e outros órgãos de segurança.
- **Importância:** A segurança pública é crucial para proteger a escola de ameaças externas, como intrusões, violência na vizinhança ou desastres naturais. Ter uma comunicação eficaz com as autoridades de segurança pública é vital para garantir uma resposta rápida em situações de emergência.

•

2. Canal de Saúde Mental:

- **O que é:** Este canal envolve profissionais de saúde mental, como psicólogos, psiquiatras e conselheiros escolares, que oferecem apoio psicológico e emocional aos alunos.
- **Importância:** A saúde mental dos alunos desempenha um papel crítico na segurança escolar. Problemas como depressão, ansiedade e bullying podem afetar a segurança emocional e, em casos extremos, podem levar a comportamentos violentos. O acesso a serviços de saúde mental ajuda a identificar e abordar essas questões precocemente.

3. Canal de Assistência Social:

- **O que é:** Este canal refere-se a profissionais de assistência social, como assistentes sociais, que lidam com questões sociais e familiares que podem afetar a segurança e o bem-estar dos alunos.
- **Importância:** Os assistentes sociais podem ajudar a identificar problemas familiares, abuso, negligência e outras questões sociais que podem impactar a segurança das crianças. Eles também podem facilitar o acesso a recursos e serviços que atendam às necessidades desses alunos.

Importância no Trabalho com a Proteção e Segurança no Ambiente Escolar

- **Intervenção Precoce:** Esses canais desempenham um papel fundamental na identificação precoce de problemas de segurança e bem-estar dos alunos. Eles podem ajudar a intervir antes que uma situação se agrave.
- **Integração de Serviços:** Trabalhar em conjunto com os canais de segurança pública, saúde mental e assistência social permite uma abordagem mais abrangente para a proteção e segurança no ambiente escolar. Isso significa que questões de segurança não são tratadas isoladamente, mas em conjunto com o bem-estar emocional e social dos alunos.
- **Promoção da Resiliência:** Esses canais não apenas respondem a situações de crise, mas também ajudam a escola a construir resiliência em sua comunidade. Isso significa criar um ambiente onde os alunos se sintam seguros, apoiados e capazes de lidar com os desafios.
- **Conscientização e Educação:** Os profissionais desses canais podem fornecer conscientização e educação sobre questões de segurança, saúde mental e assistência social, ajudando a comunidade escolar a se tornar mais informada e capacitada para lidar com essas questões.

Em resumo, os canais de segurança pública, saúde mental e assistência social desempenham papéis complementares e essenciais no trabalho de proteção e segurança no ambiente escolar. Eles ajudam a criar um ambiente escolar seguro, apoiando não apenas a segurança física, mas também o bem-estar emocional e social dos alunos. A colaboração eficaz entre esses canais é fundamental para uma abordagem holística da segurança escolar.

O trecho abaixo, foi retirado do curso “Recomendações para Proteção e Segurança no Ambiente Escolar”, disponibilizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem do Ministério da Educação (AVAMEC).

O QUE FAZER DIANTE DE UMA **SITUAÇÃO DE RISCO** EM ESCOLAS OU UNIVERSIDADES?



Objetivo: proteção da vida e da integridade física

1. Mantenha sempre a calma

2. Analise a situação

E AS POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS (A VOCÊ E A TERCEIROS)

3. Proteja-se e aja

DE ACORDO COM O CASO:

FATO INCOMUM

SEM RISCO DIRETO, MAS EXIGE ATENÇÃO

Ex.: perceber que uma pessoa está agindo de modo diferente de seu habitual (muito triste, isolada ou agressiva).



O QUE FAZER?

Dialogar com a equipe gestora da escola, para que verifique o caso e dê apoio.

SUSPEITA

RISCO POSSÍVEL

Ex.: presenciar uma pessoa comentando planejar “ataque” contra a escola (existência de possível risco).



O QUE FAZER?

1. Acionar a gestão da escola
2. Denunciar em um canal oficial:



(61) 99611-0100

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS



DISQUE 100



gov.br/mj/pt-br/escolasegura



**EMERGÊNCIA
RISCO IMEDIATO**



Ex.: visualizar pessoa com arma de fogo na escola.

O QUE FAZER?

Ligue imediatamente para o 190 (Polícia Militar), descrevendo os dados do local e do(a) possível agressor(a).

O que fazer em casos de ameaças de ataques às escolas na internet?

Caso localize um conteúdo com ameaças de ataques violentos às escolas e/ou à comunidade escolar, verifique se ele está disponível publicamente ou não.

- Caso ele esteja disponível publicamente na web, você deve copiar e colar o link (URL) no qual este conteúdo está disponível e denunciar no formulário anônimo disponibilizado no site Escola Segura do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Esse processo é rápido, simples e confiável. É possível denunciar, por exemplo, sites, blogs, publicações em redes sociais e fóruns, perfis e outros conteúdos suspeitos.
- Caso tenha recebido o conteúdo com ameaças de ataques a escolas ou à comunidade escolar por meio de mensagens de texto, áudios, fotos ou arquivos multimídia, você pode encaminhar essas mensagens para o WhatsApp (61) 99611-0100, novo canal de comunicação do Disque 100 do Governo Federal.

Importante! Além de denunciar nesses canais, por violar as regras das principais plataformas on-line, esse tipo de conteúdo também pode ser denunciado dentro das próprias plataformas:

Canal de denúncias



ANEXO C: A importância do espaço da escola para criação de um guia próprio para ação local

O que é o espaço escolar?

O espaço escolar refere-se ao ambiente físico onde ocorrem as atividades de ensino e aprendizagem em uma instituição de ensino, como uma escola, colégio, universidade ou qualquer outra instituição educacional. Esse ambiente é projetado e organizado para atender às necessidades educacionais de alunos e professores, bem como para promover o desenvolvimento acadêmico, social e pessoal dos estudantes.

O espaço escolar não se limita apenas às instalações físicas, mas também inclui a atmosfera, a cultura e a organização da escola como um todo. A forma como o espaço é projetado e utilizado pode ter um impacto significativo no ambiente de aprendizagem, na interação entre os alunos e professores, na segurança e no bem-estar dos estudantes. Portanto, a concepção e o gerenciamento adequados do espaço escolar são aspectos essenciais para a eficácia da educação e o desenvolvimento das comunidades escolares.

O que é um guia próprio para ação local?

Um guia próprio para ação local, no contexto da proteção e segurança escolar, é um documento elaborado pela própria instituição de ensino que descreve os procedimentos, protocolos, diretrizes e recursos específicos que a escola deve seguir para promover um ambiente seguro e protegido para seus alunos, professores, funcionários e demais membros da comunidade escolar. Esse guia é adaptado às necessidades e realidades particulares da escola e pode abordar uma ampla gama de questões relacionadas à segurança.

Aqui estão alguns elementos comuns que podem ser incluídos em um guia próprio para ação local de proteção e segurança escolar:

1. Procedimentos de Segurança:

- Instruções detalhadas sobre como lidar com situações de emergência, como incêndios, evacuações, ameaças à segurança, desastres naturais, entre outros.

2. Segurança Física:

- Descrição das medidas de segurança física na escola, como controle de acesso, câmeras de segurança, alarmes e iluminação adequada.

3. Políticas de Prevenção de Violência:

- Abordagem de medidas para prevenir a violência, bullying, assédio e outras formas de comportamento prejudicial.

4. Saúde e Bem-Estar dos Alunos:

- Políticas e recursos relacionados à saúde mental dos alunos, incluindo a identificação e o apoio a problemas emocionais e comportamentais.

5. **Comunicação de Emergência:**

- Diretrizes para a comunicação eficaz durante situações de crise, incluindo contatos de emergência e procedimentos de notificação.

6. **Treinamento e Capacitação:**

- Informações sobre programas de treinamento e capacitação para funcionários e alunos, incluindo simulações de evacuação e primeiros socorros.

7. **Prevenção de Acesso Não Autorizado:**

- Medidas para evitar o acesso não autorizado à escola, incluindo políticas de controle de visitantes e funcionários.

8. **Intervenção em Casos de Emergência:**

- Protocolos para a intervenção rápida e eficaz em casos de ameaças à segurança, incluindo procedimentos para lidar com intrusos ou situações de violência.

9. **Recursos de Apoio à Comunidade:**

- Informações sobre recursos externos, como serviços de saúde mental, assistência social e apoio policial, que podem ser acionados em situações de emergência.

10. **Comunicação com Pais e Responsáveis:**

- Estratégias para manter os pais e responsáveis informados sobre medidas de segurança e incidentes relevantes.

A criação de um guia próprio para ação local é uma parte essencial do planejamento de segurança escolar. Ele fornece um quadro claro para a escola responder a situações de emergência e proteger a comunidade escolar. Além disso, permite que a escola adapte suas políticas de segurança às necessidades específicas de seu ambiente e sua população estudantil. É importante que o guia seja revisado periodicamente para garantir que esteja atualizado e eficaz.

O trecho abaixo, foi retirado do curso “Recomendações para Proteção e Segurança no Ambiente Escolar”, disponibilizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem do Ministério da Educação (AVAMEC).

Nesse contexto, um bom plano de ação é construído coletiva e democraticamente — envolvendo todos os atores da comunidade —, é culturalmente adequado e territorialmente

situado. O plano de ação também precisa ser claro, conciso e de conhecimento de todos aqueles que têm tarefas a cumprir na ocorrência de ataque violento ou outra crise. Ele deve conter procedimentos específicos, concisos, unívocos e diretos em relação a:

1. Que tipos de eventos a escola define como uma crise que justifica uma resposta baseada na escola;
2. Quem assumirá quais papéis e funções na resposta a uma crise;
3. Que tipos de respostas serão dadas a alunos, profissionais, pais e comunidade ampla;
4. Instituições, pessoas de referência e contatos em caso de necessidade (serviços de resgate, bombeiros, polícia, hospitais, meios de comunicação etc.);
5. Quais recursos a escola possui e como serão utilizados;
6. Como se dará a comunicação com estudantes, pais e mídia;
7. Quais as necessidades de treinamento e capacitação dos membros da escola designados para atuar em situações críticas.
8. Para desenhar um plano de ação efetivo, a escola pode e deve contar com recursos externos, coordenando esforços de representantes das equipes de resposta (polícia, bombeiros, resgate, equipes de saúde, profissionais de saúde mental e serviço social), bem como do sistema de justiça, proteção social, grupos da sociedade civil, especialistas, dentre outros. Além disso, deve-se manter um calendário permanente de diálogo, informação e sensibilização sobre o tema. Todos devem conhecer os procedimentos e seu papel em contextos de crise, possibilitando um fluxo adequado de informações e respostas dos sujeitos escolares.

Os procedimentos devem ser pensados e redigidos de modo instrucional e acessível, buscando manter-se sempre:

- a) Específicos** – indicando “o que fazer” para cada situação em especial.
- b) Concisos** – reduzidos de modo essencial para entendimento e execução.
- c) Unívocos** – sem ambiguidades (duplos sentidos), dando clareza ao texto.
- d) Diretos** – evitando eufemismos ou formas rebuscadas de escrita.

ANEXO D: Dinâmica sobre o jogo “Caça ao tesouro mapeado”

MATERIAIS PARA O JOGO

Os materiais necessários para confeccionar os cartões do jogo com dicas são:

- Papel (você pode até mesmo utilizar papel de rascunho)
- Tesoura (se for jogar com crianças, utilize a tesoura sem ponta)
- Caneta ou lápis (para escrever o seu “sujeito”)
- Fita adesiva

CATEGORIAS PARA O JOGO

Você deve fazer esse jogo de caça ao tesouro, usando localizações de espaços, como a orientação a seguir, confira:

- Corredor que dá acesso ao banheiro;
- Parede que não permite visualizar as salas de aula;
- Sala que dá acesso aos fundos da escola;
- Sala que dá acesso a saída da escola etc.

PRODUÇÃO PARA O JOGO

Veja como a seguir:

1. Corte a folha de papel em pedaços retangulares;
2. Com o mapeamento da escola previamente realizado, escreva as dicas considerando os espaços;
3. Enumere as dicas para evitar contratempos;
4. Produza a caixa de papelão com o espalho colado ao fundo (pode ser com a própria fita) para simular o “maior tesouro” daquele local e esconda-a no local indicado pela última dica.

COMO JOGAR?

Feitos os cartões, vamos ao jogo. Para jogar as regras são muito simples: cada grupo deverá encontrar as pistas espalhadas previamente pelo facilitador (ou quem auxiliar nesse processo), seguindo cada orientação até encontrar o tesouro.

QUEM PONTUA?

Quando o primeiro time encontrar a caixa do tesouro, o jogo é finalizado.

ANEXO E: Trilha formativa dessa oficina

A trilha formativa dessa oficina perpassa por (1) estabelecer práticas de proteção e segurança no ambiente escolar; (2) identificar e reconhecer o que prevenção, intervenção e reconstrução; (3) entender os incidentes amenizando (ou evitando) os impactos gerados; e por fim com a (4) participação de todos criar um plano de ação para qualquer situação não prevista.

As atividades pensam no trabalho com os sentidos do pertencer, se sentir representado e seguro nos espaços. Como também, utiliza de incentivos na busca do sentido do que é ser parte de um todo escolar.



TRILHA FORMATIVA

PROPOSTA NA OFICINA



1

PERFIS DOS SUJEITOS

Envolve a observação do que cada um pode oferecer ao coletivo, assim o realizador se concentra na execução prática de metas, o sonhador imagina possibilidades, o celebrador valoriza conquistas e o planejador cria estratégias para alcançar objetivos.

2

CONSELHO ESCOLAR

O Conselho Escolar é um órgão colegiado que promove a participação da comunidade escolar na gestão e tomada de decisões relacionadas à escola, visando à melhoria da qualidade da educação.



3

REPRESENTATIVIDADE

A representatividade no Conselho Escolar envolve a presença de membros diversos que representam a comunidade escolar, incluindo pais, professores, funcionários e, em alguns casos, alunos, para assegurar uma tomada de decisão inclusiva e democrática.



O Conselho Escolar promove a participação e tomada de decisões relacionadas à escola, visando à melhoria da qualidade da educação

PARTICIPAÇÃO

A participação no Conselho Escolar envolve a contribuição ativa de membros da comunidade escolar na tomada de decisões e na gestão da escola, promovendo a democracia e a melhoria da educação.



LEMBRE SEMPRE!

O Conselho Escolar é um colegiado de gestão democrática! **Conheça. Faça Parte. Represente. Escute. Pertença.**

ANEXO F: Organização dos encontros

Para auxiliar na organização dos encontros, segue abaixo, uma sugestão de gestão de tempo, direcionando uma possibilidade de construção para cada dia/encontro.

IMPORTANTE

- Um encontro deve durar no máximo 2 horas.
- Todos devem ter o mesmo tempo para se expressarem, isso deve ser definido antes do começo da dinâmica.
- Não deve haver julgamentos, mas mediações (caso necessário).
- Definir as regras de participação no começo do dia, como, por exemplo, “*para falar levantar a mão, e será seguido a ordem de levantamento para ordenação de quem fala primeiro*”.

PESSOA	TEMPO	AÇÃO
Facilitador	Antes do encontro	Organizar o espaço
Facilitador	Começo do encontro	Receber as pessoas/acolhimento
Facilitador	Antes da dinâmica	Explicar o que será feito
Participantes	3 minutos (no máximo)	Realizar o que é pedido na dinâmica
Facilitador	Após a dinâmica (2 minutos)	Instigar com perguntas reflexivas
Facilitador	2 minutos	Indagar sobre e explicar o tema
Participantes	20 minutos	Falar as hipóteses que tem/acreditam
Facilitador	15 minutos	Explanar e explicar o tema do encontro
Facilitador	Após a explanação (2 minutos)	Abrir a roda de conversa com perguntas para instigar
Participantes	60 minutos	Participar com suas vivências no que é perguntado
Facilitador	Durante a roda de conversa	Fazer mediações durante as colocações das pessoas
Facilitador	Após a roda de conversa	Fazer um fechamento de tudo que foi dito
Facilitador	No fim do encontro	Finalizar o encontro
Participantes	No fim (5 minutos)	Se despedirem ou um espaço-tempo para perguntarem

ANEXO G: Avaliação dos facilitadores

Essa é uma proposta de avaliação para ser utilizada pelos facilitadores. Também serve para sintetização do que ocorreu nos encontros, pontos a serem reforçados e/ou retomados.

Antes do encontro		
Escolha uma opção (Se sim, continue) (Se não, mude)		Perguntas
Sim	Não	Consegui organizar o espaço?
Sim	Não	Consegui fazer o acolhimento com os participantes?
Durante o encontro		
Sim	Não	Expliquei a dinâmica?
Sim	Não	Consegui conduzir a dinâmica?
Sim	Não	Consegui tirar as dúvidas?
Sim	Não	Consegui fazer mediações quando foi necessário?
Sim	Não	Expliquei o tema/conteúdo do encontro?
Sim	Não	Conduzi a roda de conversa de modo satisfatório?
Sim	Não	Fiz julgamentos pessoais?
Sim	Não	Conduzi um fechamento para a temática?
Sim	Não	Ficou alguma pendência para o próximo encontro?
Sim	Não	Finalizei o encontro?
Sim	Não	Lembrei de convidar todos para o próximo encontro?
Após o encontro		
Sim	Não	Anotei assuntos que quero retomar?
Sim	Não	Consegui abordar o tema do dia/encontro com facilidade?
Sim	Não	Arrumei tudo o que preciso para o próximo encontro?

ANEXO H: Proposta para continuidade da oficina durante todo ano letivo

Abaixo, segue uma proposta de continuidade da oficina para todo o ano letivo.

Duração: 8 meses (4 bimestres), pode ser dimensionado (diminuído) conforme necessidade da unidade escolar

Encontros: 1 encontro semanal ou, no máximo, quinzenal.

Organização: 4 encontros (no máximo) por mês.

Oficina: Pode ser dividida em encontros, com vários momentos, ou por cada encontro ter um momento específico abordado, como: palestras, rodas de conversa, dinâmicas e afins.

Para o momento de palestra/exposição do conteúdo pode ser chamado especialistas na área. (Como assistentes sociais, psicólogos, policiais, enfermeiros, bombeiros, conselheiros, coordenadores de projetos sociais, etc.)

Finalização: As demandas que surgirem no decorrer da oficina, como observação de algo que já ocorre, pode ser reformulado como propostas de intervenção e apresentadas para constituírem o Projeto Político Pedagógico da escola, como algo que é um desafio da unidade escolar e as ações que serão feitas para resolução.

MESES	TEMAS			
1º mês	<p>Proteção e Segurança Escolar</p> <p>O que é e qual a importância de práticas de proteção e segurança no ambiente escolar?</p>	<p>Prevenção</p> <p>O que é e qual a importância de práticas de prevenção no ambiente escolar?</p>	<p>Intervenção</p> <p>O que é e qual a importância de práticas de intervenção no ambiente escolar?</p>	<p>Reconstrução</p> <p>O que é e qual a importância de práticas de reconstrução no ambiente escolar?</p>
2º mês	<p>Resposta Imediata</p> <p>O que é e qual a importância da resposta imediata no ambiente escolar?</p>	<p>Violência na escola</p> <p>O que são e como lidar com as violências na escola?</p>	<p>Comunicação não violenta</p> <p>A importância do diálogo com a comunidade escolar.</p>	<p>Emergências e Desastres</p> <p>Como as demandas sociais adentram os muros da escola?</p>

3º mês	<p>Investimentos em proteção e segurança</p> <p>Quais as ações que a escola e a comunidade podem ter para investir na proteção e segurança?</p>	<p>Ações efetivas na proteção e segurança</p> <p>Quais são as ações estruturais, formativas e participativas que a comunidade escolar pode/deve adotar?</p>	<p>Escuta ativa</p> <p>Como a escuta ativa colabora na construção de uma comunidade escolar unida?</p>	<p>Conflitos</p> <p>Como os conflitos podem colaborar na redução de bullying, discriminação e marginalização?</p>
4º mês	<p>Convivência democrática</p> <p>Como estimular relações mais pacíficas?</p>	<p>Habilidade sociais educativas</p> <p>O que são e como colaboram no processo de ensino-aprendizagem?</p>	<p>Disciplina positiva</p> <p>Como a disciplina positiva associa o desenvolvimento acadêmico ao socioemocional?</p>	<p>Conselho Escolar</p> <p>Ações do Conselho Escolar pensando na proteção e segurança.</p>
5º mês	<p>Familiares e a Comunidade</p> <p>Formas pelas quais familiares e/ou responsáveis podem colaborar com a prevenção?</p>	<p>Grêmios Estudantil</p> <p>Qual a importância da participação de crianças e adolescentes nas políticas públicas?</p>	<p>Controle parental</p> <p>Como os pais e/ou responsáveis podem auxiliar na proteção e segurança nas escolas?</p>	<p>Diferenças e diversidades</p> <p>Inspirações para a estruturação da valorização das diferenças</p>
6º mês	<p>Guia de ação</p> <p>A importância de conhecer e reconhecer o espaço da escola.</p>	<p>Guia de ação</p> <p>O que é o guia de ação local para situações de violências ou incidentes?</p>	<p>Guia de ação</p> <p>Como construir um guia próprio para ação local?</p>	<p>Guia de ação</p> <p>A importância da participação de todos na construção do guia próprio para ação local</p>
7º mês	<p>Redes de serviços</p> <p>Quais as parceiras com as redes de serviços na área da saúde que a escola pode estabelecer?</p>	<p>Redes de serviços</p> <p>Quais as parceiras com as redes de serviços na área da segurança que a escola pode estabelecer?</p>	<p>Redes de serviços</p> <p>Quais as parceiras com as redes de serviços na área da social que a escola pode estabelecer?</p>	<p>Redes de serviços</p> <p>Quais as demais parceiras com as redes de serviços que a escola pode estabelecer?</p>
8º mês	Finalização	Finalização	Finalização	Finalização

	<p>Recapitular tudo o que foi debatido.</p> <p>O que aprendemos com essa oficina?</p>	<p>Espaço livre (pode ou não ser usado) para demandas que a unidade escolar tiver sobre a temática.</p>	<p>Debates com toda a unidade escolar sobre a proteção e a segurança no ambiente escolar.</p>	<p>Encaminhamentos para o Projeto Político Pedagógico (PPP).</p>
--	---	--	--	---

